

O IDEAL

JORNAL LITTERARIO E SCIENTIFICO

ORGÃO DOS ALUMNOS DO "INSTITUTO DE HUMANIDADES"

... mais il est permis même au plus faible
d'avoir une bonne intention et de la dire.
V. Hugo.

Publicação quinzenal

ENCARREGADOS DE REDACÇÃO:

Luíz Cezario, Leonel Chaves, José Carvalho e Fiuza de Pontes.

Numero avulso 100 rs.



Instituto de Humanidades

FUNDADORES:

Conego Vicente Salazar da Cunha.
Dr. Antonio Augusto de Vasconcellos.

LENTES:

Dr. José Carlos Ribeiro Junior.
C.º Agapito Jorge dos Santos.
Dr. Antonio Epaminonda da Frota.
Dr. Antonio Augusto de Vasconcellos.
Zacarias Gondim.
Tiberio Aboim.
Tristão Spinosa.
Monsenhor José Teixeira da Graça.
Conego Vicente Salazar da Cunha.

O IDÉAL

Fortaleza, 24 de Maio de 1894.

24 de maio

MEMORAR os grandes feitos e venerar os grandes homens são actos que se contam entre os mais nobres e honrosos, já como revelação de apurado senso moral, já como incentivo e estímulo para que esses grandes feitos se reproduzam pelo futuro além.

Assim este pequeno periodico, propondo-se como se propõe, a nutrir o estímulo das boas acções e das nobres empresas, não pode deixar passar desapercibidamente um anniversario tão glorioso e que nos recorda um tão avultado numero de actos dignos de encomios e de preito, como é a data de 24 de Maio.

Data gloriosa para o Brazil, da gloriosissima para o Ceará!

Fazem 28 annos que nas terras inhospitas e encharcadas do Paraguay, um troço de valorosos cearenses deram a vida sem a minima hesitação para salvar a de milhares de seus irmãos.

Fazem 11 annos que a bellissima cidade da Fortaleza exultava na mais pujante manifestação de regosijo que jamais se tinha visto em terras brasileiras.

Pela primeira vez se podia dizer com verdade em um canto do Brazil que — a liberdade raiara, que todos eram irmãos.

Nunca o povo brasileiro tinha tido uma occasião de afirmar com tanta energia a sua existencia e a sua vontade, a despeito do governo e das classes aristocraticas.

Pode-se dizer que foi a libertação do Ceará a primeira revolução verdadeira operada no Brazil, e esse grande commettimento foi realizado por um punhado de cearenses arrojados e destemidos, que scuberam impôr as suas generosas idéas a toda a população da provincia.

Rendamos hoje preito e homenagem aos benemeritos que a 24 de Maio, conquistaram brilhante logar na Historia já derramando o proprio sangue em prol da sua patria, já despedaçando as cadeias em que aos milhares gemiam seus irmãos.

A guerra

A guerra é o mais temivel flagello que póde devastar um povo, destruindo as

grandes cidades e tudo o que fica ao seu alcance.

Nada resiste á sua passagem devastadora e horrenda!

Este monstro invencivel que nada põe obstaculo, tem por principio a destruição e por fim o derramamento do sangue humano, que correndo em jorros, se assemelha a caudalosos rios

Eis a grande destruidora das nações. Ouvimos por toda parte o triste e saudoso gemido d'aquelles que ao desprender os ultimos suspiros de seus labios, estendem o olhar sobre as grandezas da terra e tem saudade de deixal-a, porque cêdo tem de sêr conduzidos pela cruel morte.

Aqui vemos pernas, braços e cabeças; alli restos de immortaes heróes; acolá cadaveres em putrefacção; lá edificios esburacados e destruidos; afinal o horror por toda parte! Todos estes actos medonhos, que contristam os corações, nada são, quando tem logar pela libertação da patria, porém de parte á parte se desenrolam verdadeiras ondas de sangue e enormes muros de cadaveres, provando tudo isto o amor ardente, que tem seus filhos para com seu querido torrão. O ar é cortado em todos os senti-

dos pelos faiscentes tiros de fuzilaria, o mar torna-se bravio e raivoso com as descargas das possantes machinas de guerra, os animaes, refugiados nas suas desertas pousadas soltam tristes mugidos e afinal a natureza inteira se revela contra este acto aterrorisador. A guerra de 1864 a 1870 travada entre o Brazil e o Paraguay, deu a medida incommensuravel d'este monstro, que a civilisação não conseguiu ainda fazer desaparecer do mundo!

C. VASCONSELLOS.

A HISTORIA

(Esboço litterario)

«A Historia é a mãe da verdade, emulo do tempo, depozito das ações, testemunha do passado, exemplo e avizo do presente, e advertencia do futuro.»

Na continuidade extensiva dos grandes estudos scientificos que corroboram o marchar do progresso, a Historia avulta e salienta-se como imagem verdadeira e authentica de uma necessidade erudita, já como retratação das passagens antigas, já como o relevo suave das connexões passadas.

Descreve e narra, em linguagem pura desde as primeiras posições da humanidade, desde o primeiro tronco familiar das raças, e vem mencionando os acontecimentos de todos os factos, as communicações de todas as epochas, como uma cadêa engehada para estas concepções dedutivas dos conhecimentos, que traz através de nossos olhos, o passado diante do presente.

Ella traz o passado, desde o primeiro ensaio de civilização pre-historica, até as ultimas renovações de nossas datas!

Falla de tudo, e nada esquece, porém a tudo critica, mas com uma critica phylzophica e comparativa que expõe os factos e nos mostra com todas as côres litterarias, côres que nós como pintores da sciencia, apreciamos e com as forças de nossos talentos avivamos, e sempre as reproduzimos para que nunca mais se apaguem, e existam sempre na immensa face do universo.

Ella, o baluarte fixo da forma descriptiva, o panorama onde se representam as batalhas da vida de todo mundo, traz em meio de sua fachada, a diviza que lhe serve de baze: *Sciencia do passado.*

Deve ser estudada porque o tempo passa, e passa com esta lentidão pausada, porem as ações e os actos de merecimentos apenas param, para servirem de espelho e de exemplo, áquelles que os fitarem como unica mira para seu acesso!

Estudemol-a, todos necessitamos d'ella, jogo que se molga a cada passo na vida, senda que se enceta sempre diante do estudo!

FIUZA DE PONTES.

Recordação.

Era noite.

As nuvens com seus par-dacentos véos de quando em quando apagavam o brilho prateado da lua, e as estrellas que scintillavam na abobada celeste. Tudo estava calmo; somente a briza com seu meigo soprar fazia vacillar as verdes folhas das relvas que juncavam o terraço da pequena habitação onde sentado a calçada admirava o candido rosto de uma don-

zella—era Alzira pura virgem que n'aquelle momento me fazia esquecer os angustiosos dias de minha vida passada. Absorto a contemplar o formozo rosto d'aquella virgem, sentia o poder do amor dominar meu coração.

Frequentes sorrizos assomavam aos rubros labios da encantadora virgem.

O som melodioso de sua voz, os olhares e os sorrizos fascinadores que se desprendiam dos divinaes labios de Alzira captivaram cada vez mais meu coração. Muito tempo havia passado quando vi duas lagrimas assomarem aos olhos da virgem, perguntei-lhe a cauza d'aquellas lagrimas, então disse-me que era o signal com que mais claramente manifestava seu firme amor.

Ao despedir-me, Alzira com suas macias mãosinhas veio collocar em meu peito um lindo botão de cravina—lenbrança eterna do nosso amor.

Desde aquella venturoza e feliz noite, uma nova estrella commeçou a guiar-me, e um novo raio de luz commeçou illuminar meu horizonte.

JOÃO ALFREDO CORREIA.

Os Maritimos

Na prôa de um navio mercante brasileiro, que sulcava as prateadas ondas do Atlantico, impellido pelas brandas e frescas rajadas da viração maritima, conversavam muito amigavelmente tres cearenses. Assim fallou o mais velho: — Respondo agora a interpellação que vocês me fizeram.

«Era meu pai gageiro de um trasporte d'armada na-

cional, e fez-me, quando eu era ainda rapaz, uma descripção d'essas bellas paisagens marinhas.

«Enthusiasmei-me loucamente pelo mar, e desde então, tenho vivido sempre embarcado! Quando elle acabou de fallar, o segundo principiou: — Foi por modo mui diverso que embarquei.

«Morava com minha mãe, quando ella morreu, tive de acompanhar meu pae que era commandante de um hiate.

«N'um temporal naufragou a embarcação sendo a tripolação recolhida por vaso francez.

«Meu pae morreu de desgosto.

«Estava eu orphão com dezenove annos.

«Voltei para minha terra, mas não achei os encantos de out'ora e resolvi tomar logar como marinheiro aqui.»

—Conta-nos porque embarcaste, disseram os dous ao mais moço, que guardava silencio n'uma attitude meditativa.

—Minha historia é bastante tristonha, mas vou contar:

«Passava muito bem em companhia de uma tia, por que nunca conheci paes.

«Junto de nossa casa, morava uma donzella tão pobre, como honrada e bonita.

«Chamava-se Maria.

«Eu a amava e era correspondido.

«Seus paes eram trabalhadores em extremo.

«O tempo corria sem que eu lhe desse importancia, tamanha era minha felicidade.

«Veio visitar minha tia um sujeito que se dizia parente.

«Aconselhou-a de man-

dar-me embarcar, e com tal constancia que ella tomou esta resolução.

«Eu que a obedecia cegamente, não oppuz embaraço.

«Aluguei-me n'um barco, e por alguns mezes naveguei.

«Quando volto a minha patria achei o tal parente casado com Maria.

«Grande foi a minha dor!»

«Soube depois que elle era um impostor; o seu fito era ausentar me para seduzir minha noiva.

«Dias passados, expira minha tia nos meus braços.

Dizendo, duas lagrimas rolaram silenciosamente pelas faces do jovem marinheiro; elle continuou:

—Como nada me prendia a essa terra, vendi tudo quanto possuia e embarquei.

«Eis a razão porque me veem entre a marinhagem d'este navio.

«Só espero agora do mundo, é um dia mergulhar, para nunca mais sahir, nessas bellas aguas do oceano.

F. FORTUNA.

CENTÊLHAS

A Jangada.

Vem vindo na amplidão do mar extenso
Pauzadamente lèpida jangada,
Desenhando no azul profundo e denso
Sua velinha branca, immaculada.

Na calmaria placida embalada
Por sobre as ondas de um azul intenso,
Devagarinho candida, pausada,
Vem deslizando no oceano immenso!

Assim minh'alma descansadamente
Confiante, tranquillada e innocente
No oceano do amor vai fluctuando!

Alentada na placida bonança
N'uma jangada feita da esperanza
De nos unirmos não sei mesmo quando!

FIUZA DE PONTES.

«Contos do Ceará»

O leitor, como é naturalissimo, não conhece o Eduardo Saboya.

Ou conhece? Não; e isto é mais provavel, pois o vosso illustre desconhecido não frequenta os clubs (creio mesmo que não sabe dançar) e raras vezes vae ao Passeio.

E' modesto em demasia.

Tanto se lhe dà envergar um *croisé* bem feito, como um palitot que tenha sido feito para um sujeito mais magro do que elle.

«Tendo dinheiro para tomar café e fumar cigarros, é o que elle quer». — como me diz muita vez.

N'este ponto eu estou de accordo com o Eduardo.

Porque, si elle andasse exhibindo diariamente fatos, cuja perfeição no corte fôsse irreprehensivel, e fôsse, repito, um rapaz commum?

Como o leitor prefere?

Ha de responder-me depois de terminada a leitura do livro que já entrou para o prèlo, e cujo titulo me serve de epigrapha.

O livro? Sim; um primoroso livro de contos, scenas do Ceará, que, julgo, sob palavra de honra, superior à uma alluvião de grammaticas, geographias e mappas que tem apparecido ultimamente n'esta Capital.

Pudera!

O Eduardo é talentoso, e de mais sabe aonde tem o nariz. Quero dizer: conhece a lingua vernacula, a mãe d'esta, e mais alguma lingua!

Ha nos contos bellezas de imaginação, de fôrma e de fundo.

São escriptos sob as leis da escola naturalista, a sabia escola de E. Zola.

O autor dos *Contos do Ceará* comprehende-a perfeitamente.

D'ahi, a sonoridade, o colorido que sabe dar ás suas producções.

O leitor ha de lê-las gostosamente si, é que aprecia as letras, que infelizmente n'esta bôa terra ficam na *bagagem* do dinheiro.

D'isto deduz-se o desconhecimento em que vive o meu bom amigo.

Sim porque si elle fôsse rico . . . Mas voltemos á vacca fria como dizem os sertanejos.

Quero ainda espalhar sobre vosso espirito meia duzia de palavras sobre os *Contos do Ceará*.

E' um bom livro, salvo alguns senões que a critica competente descobrir.

Creio mesmo que ha de fazer epocha, pelo menos no nosso circulo litterario.

Póde ter alguns senões, repito, pois com a pouca idade do Eduardo Saboya que vê sorrir-lhe um brilhante futuro, não se pôde escrever um livro impecavel.

ROBERTO DE ALENCAR.

Maió, 24, 94.

NINHO D'ALMA

A' meus irmãos.

D'aqui eu vos comtemplo oh! meos irmãos queridos!
Alegres, satisfeitos ao pé de nossos paes;
Unidos, innocentes, quaes ternos colibris,
Vivendo só de mel à sombra dos rosaes!

Quanto felises sois vivendo de esperanças
De amôr e de venturas que fasem nosso lar?
—O ninho sacrosanto que Deus p'ra as
avesinhas
Fez de um sorriso seo e fez de um seo
olhar!

Voae em torno delle, cantae as harmonias
Que nossa santa mãe modulla à vos deitar;
Aquellas que aprendi—o balsamo celeste
Que as dôres desta vida consegue mitigar.

Agora que a campina se adorna perfumada
Que as tardes são de Maio e campo é só
de flôr!
Parece-me escutar a prece fervorosa,
A oração bemdicta á Virgem do|Senhor!

Da casa idolatrada em que habitaes eu vejo
A' beira do caminho o vulto seo risonho
E dentro della então escuto um vosear
Alegre como as notas dulcissimas de um
sonho!

D'aqui eu vos bemdigo, oh meos irmãos queridos
Cantaes, sorrís assim emquanto sois
creanças,
Emquanto o alvorecer è feito de arrebôes
E os berços pequeninos são feitas d'es-
peranças.

JOSÉ CARVALHO.

ENGANO.

Era manhã. O sol começava a desprender seus raios ainda com vestígios d'alvorada. A passarada parecia attingir á maxima alegria que lhe é possível.

Foi um concerto que ninguém ousou imitar.

Sahi a dar um passeio como era de costume, e apenas tinha andado um kilometro mais ou menos, vi pela minha frente passar uma criancita trazendo no braço um cestinha. Esta

menina era cheia de encantos e de admiração.

Corria. Aos hombros, louros cabellos artisticamente aparados, com o impulso que lhes dava seu ligeiro corpinho, subiam deixando fugir a cor natural que ao mesmo tempo apparecia e logo uma e outra vinham e iam-se de sorte que era uma combinação que eu mesmo explicar não posso.

Trajava vestido branco, calçava chinelitos amarelos, meias côr de creme e satisfeita e alegre pulava e pulava muito.

Acompanhei-a com a vista e na celere carreira em que ia deixou cahir a cestinha. Apressei-me em apanhal-a porem qual, ella em uma volta que fez sem se perturbar alcançou-a e seguiu.

Adiante e não muito longe a vi encaminhando-se para um portão ladeado por dous enormes pés de papoula, o qual parecia se abrir á sua passagem della.

Era um jardim. Entrou, desapareceu

Vou apreciar-a de perto, disse commigo. Segui, do que muito me arrependo; cheguei ao portão entrei. Ella havia depositado a cestinha em um galho de roseira e estava com uma vara trabalhando para tirar umas flôres que viçozamente enfloravam o cume de admiravel *espirradeira*.

Aproximei-me; ella fitou-me alguns instantes; depois ergui-me, abaixei os galhos e nós ambos colhemos as flores.

Seguiu sem demora para a cestinha e sacudiu-as todas dentro.

Voltou-se para um jasmineiro, e, com a cabeça inclinada, sustinha entre os de-

dos uma tesourinha com que cortava os hastis das alvas flôres.

Conservei-me por alguns instantes mudo. Perguntei-lhe depois: «Como te chamas?»

«Alda».

«Para que tantas flôres?»

«Para enfeitar o Altar de Nossa Senhora».

«Tens sempre este trabalho?»

«Sim senhor. Pela manhã não é outro o meu cuidado e só descanso quando adquiero flores que cheguem para ornar o Altar d'ella. Papai tira todos os dias a novena do mez de Maio e ao menos a estas horas quero admirar-a entre as flores.»

«Sim, então lá todos os dias ha novena?»

«Ha, sim.»

Ha muita concorrência?

«Não senhor».

E para que tantos enfeites?

«Qual! São poucos os que lhe preparamos».

Não são poucas; estas flores que colhes, mais candelabros, luzes, e sobre tudo a candidez da tua alma, o reflexo de tua innocencia, tudo aquillo quando bastava isto, para trazer o brilho, a resplandecencia ao Altar.

Ella tornou-se muda. Estava cheia a cestinha. Tomou-a no braço. «Adeus», disse-me estirando a lingua. Deu costas.

ADRISSON.